

24-XII-44

Meditação do Natal

E IS-NOS, uma vez mais, na Festa Sacrossanta do Natal. Pobres e ricos, na alma de cada um, brilha mais cintilante a estrela da manhã. Qualquer coisa de estranho nos aperta mais o coração, uma alegria maior nos inunda o espirito, uma saudade infinda nos cerca de mistério.

No aconchego do lar, mais doce do que nunca, cerremos, pois, os nossos olhos cansados já da dureza amarga da vida. E meditamos.

Natal! Os anjos, em revoada, cantam alegremente, rasgando as trevas da noite com a doce claridade do seu majestoso esplendor. Os pastorinhos em vigília estremecem de espanto, mas a angelica palavra tranquiliza-os, na doce mensagem de paz: «Ide ver, e encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura... Glória a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade».

O menino era Jesus de Nazaré, feitor depois operário, e pregador da Galileia. Vinha trazer aos homens uma grande mensagem de amor. E passou a vida inteira a fazer o bem, a curar todas as chagas, a enxugar todas as lágrimas, a confortar todos os pobres, a amparar todos os miseráveis. Das suas estranhas pregações, um ensinamento se colhia sempre: o da bondade na justiça, o da sinceridade no dever, o da lealdade na fé.

Pregava quasi sempre nas sinagogas, enquanto o não expulsaram de lá. Um dia, em Nazaré, sua terra de residência, tomou o livro das Escrituras em suas mãos, e leu compassadamente: «O Espírito do Senhor está sobre mim; Ele me ungiu para evangelizar os pobres, e me enviou anunciar a liberdade aos prisioneiros, a cura aos cegos, e a libertação aos oprimidos.»

E, fechando o livro, voltou-se para o povo que tinha os olhos fixos nele: «Esta profecia realiza-se hoje diante dos vossos olhos».

Pouco depois, subido ao alto de pequena elevação, perante a multidão maravilhada pela límpida transparência dos seus ensinamentos, desferiu de enfiada, naquela suave maravilha de sermão de montanha, o rosário das bem-aventuranças: os pobres, os aflitos, os doces, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros, os pacíficos, os perseguidos. Esses obterão parte no reino de Deus, porque o reino de Deus é dos humildes e dos pequeninos, dos que passam, como ele, a vida inteira a fazer o bem, a esquecer as ofensas, a perdoar os ultrajes, a dar a mão aos mais fracos do que eles.

E quando, um dia, lhe perguntaram como haveriam de cumprir a lei universal da fraternidade, respondeu com o olhar puríssimo dum justo: «aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração».

Mais tarde, depois das lutas tremedizas contra os fariseus e contra a hipocrisia, sabendo já próxima a hora da sua condenação a morte, reuniu em cela íntima os mais próximos amigos deixando-lhes as ordens derradeiras e os últimos conselhos: «vistes como eu vos amei; pois amai-vos uns aos outros na mesma medida, até dardes a vossa vida pelos vossos irmãos».

Vinte séculos depois, festejamos ainda com alvoroço o nascimento do menino Jesus, e epichemos de beleza os nossos presépios, de poesia as nossas reuniões, de sonhos lindos a alma pura das crianças. Neste dia, somos melhores, torna-se mais mansa a nossa palavra, mais enternecido o nosso coração, mais aberta a nossa

Enquanto a neve, lá fora, enregela os pés do caminhante, embalemos a nossa alma na contemplação do Natal.

E recordamos ainda aquelas palavras energicas que transportavam de entusiasmo a alma sincera do povo: «já não é apenas o homicídio que vos proíbo, mas a cólera e a injúria; não apenas o adultério, mas o simples desejo; não consinto mais juramentos e protestos, mas exijo a simplicidade duma palavra sempre sincera; não mais vinganças nem resistências ao mal, nem sequer estreiteza na caridade; mas, a exemplo de vosso Pai que está nos Céus, que faz brilhar o seu sol sobre os bons e sobre os maus e espalha a sua chuva sobre os injustos como sobre os justos, amai os vossos inimigos e fazei bem áquelles que vos fizeram mal, porque é preciso que sejais perfeitos como vosso Pai é perfeito».

...E haverá lautas ceias em casa dos ricos, depois da Missa da meia-noite, seguidas talvez de baile, e de abundância de manjares. E haverá pobreza e frio na desolação das prisões, nos tugúrios dos miseráveis, nas camas dos hospitais. Ninguém, por certo, deixará, neste dia, de visitar os presos, de confortar os doentes, de aquecer a lareira dos pobres. Mas é um dia que passa quando Jesus nos ensinou que o dia de Natal tinha de durar o ano inteiro! Quando Jesus nos ensinou que a sua doutrina não era para ser admirada, mas para ser vivida.

Não sei se o mundo terá direito de festejar o Natal, ou se esta festa não constituirá mais um ultraje do que uma glorificação do nascimento de Cristo. Então não vemos que os homens se continuam matando em luta oficial, nos campos sangrentos da batalha? Que povos da mesma raça e

da mesma pátria pegam em armas uns contra os outros, ainda mal acabados de sair do jugo do estrangeiro? Que o egoísmo dos mais fortes tripudia sobre a fraqueza dos mais pequenos, espalhando miséria e lágrimas á sua volta? Que se formam grandes fortunas á custa de negócios escuros e das necessidades prementes do povo? Que se prega a luta das classes e o ódio dos pequenos contra os grandes? Que se formam no seio das sociedades dissensões e partidos na ânsia de mais facilmente conquistar o domínio e a glória? Que não há amor da justiça, mas dureza de coração, e que se transforma a caridade sacrificada em paradas de vaidade e de podridão?

Jesus ensinou outra coisa. Que a vida religiosa e moral fôsse toda sinceridade e pureza, sem atitudes medidas a compasso, sem fachadas correctas mascarando maus desejos ou ambições desregradas, tais ouais sepulcros branqueados que albergam cadáveres. Que as relações entre os homens fôsem norteadas pela lealdade mais exigente — sim, sim, não, não — pela compreensão mais aberta, pela fraternidade mais leal, pela compaixão mais rasgada, pelo amor mais fecundo.

Não sei, por isso, se o Natal que celebramos não deveria ser celebrado doutra maneira, isto é, num severo propósito de sinceridade, tornando mais simples a nossa alma, mais límpido o nosso olhar, mais largo o nosso coração, mais sinceras as nossas palavras, mais justos os nossos actos, mais cristão o nosso cristianismo. Quando um dia sentirmos como nossas as misérias alheias, e tivermos fome e frio na terra e no frio dos nossos irmãos, e nos compadecermos dos

mo corpo, e nos imaginarmos com as injustiças de que são vítimas os fracos, e tivermos um coração manso, pacífico e humilde, como o coração desse menino Jesus, que nós deleitamos nas palhinhas dos nossos presépios, então o Natal começará a ser outra vez a grande festa cristã, que selará a união de todos os povos, e nos merecerá a paz que, um dia, os anjos cantaram, nas cercanias de Belém.

Enquanto assim não for, o Natal não será Natal, mas uma festa como qualquer outra, que nos une mais á volta da lareira, só porque cá fora, cai neve nos caminhos.

ABEL VARZIM.

100

na fr
va do
ta de
para
va pr
fogo e
pois,
notand
de lei
mente